

CIÊNCIA E ARTE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO ENSAIO *O OLHO E O ESPÍRITO*

*Wanderley C. Oliveira*¹

RESUMO

Este artigo procura estabelecer um diálogo entre Ciência e Arte em Merleau-Ponty, a partir de seu ensaio *O olho e o espírito*. Parte da apresentação da ciência como olhar de sobrevoou ou desencarnado, à qual é contraposta, em seguida, a pintura como olhar situado ou encarnado. Conclui que não se trata de negar o olhar da ciência, mas de despertá-lo do sonho de uma visão completa da realidade e remetê-lo ao mundo da vida, ao qual, tal como a arte, ele se refere e, do mesmo modo que ela, jamais esgotará.

PALAVRAS-CHAVE: Merleau-Ponty. Ciência. Arte.

INTRODUÇÃO

No verão de 1960, Merleau-Ponty se instalou, por dois ou três meses, em uma pequena propriedade que alugou de um pintor – La Bertrane – no sul da França, perto de Aix, na região da Provença, para escrever um artigo que André Chastel havia lhe solicitado como contribuição ao primeiro número da revista *Art de France* (LEFORT, 1964). Ao buscar esse refúgio para dedicar-se à solicitação do amigo, o filósofo mal suspeitava que esse fosse seu último verão. Na primavera do ano seguinte,

¹ Doutor em Filosofia (UFRJ); professor do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: woliv2@gmail.com.br

1961, no dia 3 de maio, um ataque cardíaco fulminante levou o filósofo com apenas 53 anos de vida. Deixou-nos *O olho e o espírito*, texto que preparava, como o último que publicou em vida. Nas palavras de Lefort (1964), esse ensaio é uma meditação sobre o corpo, a visão e a pintura. Meditação que se inicia exatamente com a frase: “A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las”. Neste artigo, nosso objetivo é tentar estabelecer um diálogo entre Arte e Ciência a partir dessa afirmação de Merleau-Ponty (1964, p. 9).

HABITAR E MANIPULAR: DOIS MODOS DE ESTAR NO MUNDO E DE SE RELACIONAR COM ELE

Numa primeira aproximação dessa sentença, dois de seus verbos nos remetem a dois modos de se relacionar com as coisas ou com o mundo: um, manipulando-as; outro, habitando-as. Vejamos, mais de perto, tais atitudes. Habitar as coisas convida-nos a pensar numa relação de familiaridade ou de proximidade com elas. Habitar requer imersão, as coisas não estão diante de mim (*Objectum*), estou entre elas, elas me envolvem (*Umwelt*) e são minha morada ou o lugar onde habito. A manipulação científica, por sua vez, requer que coloquemos as coisas diante de nós, como objetos passíveis de nosso manuseio, nossa exploração eficaz, distanciada e asséptica. Mas que ciência é esta que manipula as coisas? Por outras palavras, de que ciência se trata na frase em questão?

A CIÊNCIA COMO OLHAR DE SOBREVOO OU DESENCARNADO

Em *O olho e o espírito*, Merleau-Ponty (1964, p. 10) nos dirá que, mais do que da ciência, trata-se de um modo de se conceber a ciência, de uma “filosofia das ciências”. Para compreendermos melhor a concepção de ciência implicada na

frase, vejamos extratos de um pequeno ensaio publicado em *Signos*, intitulado *Einstein e a crise da razão*. O filósofo inicia seu artigo afirmando:

A ciência, no tempo de Auguste Comte, preparava-se para *dominar* teórica e praticamente a existência. Quer se tratasse da ação técnica, quer da ação política, pensava-se ter acesso às leis segundo às quais natureza e sociedade *são feitas*, e governá-las de acordo com seus princípios (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 213, itálicos do autor).

Pela citação acima, no tempo de Auguste Comte (França, 1798-1857), pai do positivismo, a pretensão da ciência era *dominar* a existência. E como pretendia fazê-lo? Tendo acesso às leis pelas quais tanto a natureza quanto a sociedade *são feitas*. Ao se referir à natureza e à sociedade, o texto de Merleau-Ponty nos aponta, então, para a física clássica (Isaac Newton: Inglaterra, 1643-1727) e a sociologia positivista (Comte). Ambas partiam do pressuposto de que natureza e sociedade *são feitas* por leis e aquele que conseguir ter acesso a essas leis ou descobri-las *dominaria* a natureza e a sociedade ou, como diz o texto, poderia “[...] governá-las de acordo com seus princípios” ((MERLEAU-PONTY, 1991, p. 213).

Nessa concepção de ciência, a verdade não está na interpretação que o cientista dá do mundo; ela está “depositada no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 213), inscrita nas coisas ou nos fatos, cabendo ao cientista ir ao encontro dela, descobrir o acesso a ela. O que temos aqui, no fundamento dessa ideia, é a concepção de Galileu pela qual a natureza é um livro escrito em linguagem matemática e, se aprendermos essa linguagem, dominaremos a natureza. Trata-se, em suma, da “[...] imagem físico-matemática do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 218), fundada na ideia do pensamento clássico no qual “[...] a racionalidade do mundo é evidente”

(MERLEAU-PONTY, 1991, p. 214). Nesse ideal científico, afirma Merleau-Ponty (1991, p. 218), é “[...] apenas à ciência que se deve perguntar a verdade [...]” sobre tudo. A ciência aqui não se vê como uma expressão ou linguagem matemática do mundo; ela advoga para si “[...] um gênero de verdade metafísica e absoluta” uma vez que se apresenta como “notação direta do real” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 19).

Husserl (1976, p. 11) nos dirá, no segundo capítulo de seu livro, *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*, que, na perspectiva apresentada acima, a “[...] cientificidade rigorosa exige do pesquisador que coloque, escrupulosamente, fora do circuito toda tomada de posição axiológica”. Na consideração das coisas pelo cientista, está fora, portanto, toda consideração valorativa ou todo juízo de valor. Do mesmo modo, as coisas deverão também ser despedidas de suas qualidades sensíveis. Sendo assim, o que sobra do mundo ou das coisas? Seu esqueleto físico-matemático desembaraçado de todas as suas contigências sensíveis: cheiro, cor, sabor, textura. Fica apenas aquilo que pode ser medido, pesado, calculado, matematizado.

Na sequência da frase que analisamos, Merleau-Ponty (1964, p. 9) continua seu texto em *O olho e o espírito* da seguinte forma: A ciência “[...] se dá das coisas modelos internos e, operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, se confronta apenas de longe em longe com o mundo atual”. Apartada do mundo e visando apenas aos modelos que ela se dá das coisas, nesse fazer científico, Merleau-Ponty (1964, p. 10) constatará que:

o pensamento se reduz deliberadamente ao conjunto das técnicas de apreensão ou de captação que ele inventa. Pensar é ensaiar, operar, transformar sob a única reserva de um controle experimental no qual intervém apenas

fenómenos altamente ‘trabalhados’, e *que nossos aparelhos produzem ao invés de registrá-los* (itálicos nossos).

Pela lógica da citação, o risco que se corre é o da ciência realizar uma verdadeira inversão, que consiste em fazer do construído pela ciência o modelo daquilo que é dado pelo real; por outras palavras, o real se torna o elemento comparado e o construído pelo cientista o elemento comparante. O olhar que paira sobre o mundo, *kosmotheoros*, o sobrevoa e o domina numa relação puramente epistemológica, na qual há uma separação absoluta entre sujeito (atividade) e objeto (passividade). O mundo ou as coisas se tornam pura exterioridade sem nenhuma interioridade e o sujeito, pura interioridade sem nenhuma exterioridade. Mas de onde vem ou como surgem tais concepções?

Historicamente, sabemos que essa concepção tem sua origem em Descartes e Newton que, adicionando a ideia de *Infinito* herdada da tradição judaico-cristã, desdobraram a natureza em *naturante* e *naturada*, fazendo refluir para Deus tudo aquilo que pudesse ser “interior à Natureza” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 26). O sentido, assim, refugiou-se no *naturante* e o *naturado*, por sua vez, tornou-se produto ou pura exterioridade, ainda de acordo com esse autor.

Não obstante sua origem histórico-filosófica, para Husserl (apud MERLEAU-PONTY, 1957, p. 259), essa concepção do mundo como esfera das “[...] puras coisas [não é uma] abstração arbitrária [e] tem seu fundamento na própria estrutura da percepção humana”. Para o filósofo, todos nós nos conduzimos para essa concepção das coisas como em si e, chegamos espontaneamente a ela à medida que “[...] nosso Eu, ao invés de viver o mundo, decide-se a apreendê-lo (*Erfassen*), a objetivar” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 105).

Assim, tão logo nos tornamos “[...] puros sujeitos teóricos, [em contrapartida, encontramos as] coisas puramente materiais [ou esta] camada de materialidade espaço-temporal” (MERLEAU-PONTY, 1957, p. 259). Pôr-se como um eu indiferente, puro espectador, que decide conhecer o mundo, é colocar, correlativamente, a natureza ou as coisas como o “[...] real, o verdadeiro, o em si” (p. 259). Ou seja, quando o eu se torna “indiferente”, a essa indiferença corresponde a “pura coisa”. Em outras palavras, a ideia da natureza ou do mundo como esfera das puras coisas, que é a ideia do em si, traz, como sua correlata, a ideia do sujeito como puro conhecedor, que é a ideia do para si. Neste casal: grande objeto e sujeito absoluto, um não anda sem o outro. Afirmar um é reivindicar o outro. E é o que, segundo Husserl, fazemos naturalmente. Para o filósofo alemão, espontaneamente, acreditamos na presença de um mundo (como grande objeto) a que nossa consciência tem acesso direto (como sujeito puro), o qual ela pode sobrevoar e do qual ela pode “[...] à vontade, considerar cada parte sem modificar sua natureza objetiva” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 113).

Segundo Merleau-Ponty, a ciência, em suas origens, assume espontaneamente esta crença objetivista de nossa atitude cotidiana e a sistematiza. Ao postular o mundo como um grande objeto, ela estabelece, em contrapartida a esse postulado, o caráter absoluto da consciência teórica. Ao dividir o mundo entre sujeito teórico e objeto empírico, a ciência advoga para si o poder e o direito de conhecer plenamente seu objeto, mesmo que de maneira puramente exterior. Pautada pela unilateralidade de suas explicações, ela transforma, assim, o mundo em um universo,² uma representação autossuficiente

² Em consonância com Husserl, para Merleau-Ponty (1945, p. 85), *universo* é uma “[...] totalidade acabada, explícita, onde as relações são de determinação recíproca”. Distingue-

e plenamente clara do mundo, que dá a ver, sem sombras, seu próprio conteúdo ao sujeito, capaz de sobrevoá-lo e exauri-lo numa relação de conhecimento. Temos aqui consumada a perspectiva do olhar de sobrevoou ou desencarnado. Está aberto, assim, o abismo entre o ser e o nada, entre um em si obscuro e insignificante (grande objeto) e um para si, clarividente e doador de sentido (espírito ou sujeito absoluto), capaz de tomar posse daquele.

A PINTURA COMO OLHAR SITUADO OU ENCARNADO

Mas as concepções do mundo como em si e do sujeito como para si serão as únicas possíveis? No diálogo com Husserl, Merleau-Ponty dirá que não. Para Husserl (apud MERLEAU-PONTY, 1995, p. 106) “[...] o universo das puras coisas é um universo minado [...]”, atrás do qual há a solidez do vivido. Mas não se trata de ignorar essa concepção e a atitude que a origina, não se trata nem mesmo de tomá-la como falsa; pois o que é falso nela é que absolutiza e toma como natural uma atitude de pura teoria ou de idealização. Logo, ao invés de negá-la, para Husserl (apud MERLEAU-PONTY, 1995, p. 105), é preciso procurar justificá-la, isto é, “[...] ao mesmo tempo, fundar sua legitimidade e superá-la, mostrando que ela não é a única possível”. Trata-se, então, de compreendê-la ou vê-la naquilo que ela é: “[...] relativamente fundada, verdadeira a título derivado” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 206), para, assim, ultrapassá-la como uma abstração idealista ulterior construída sobre o concreto do mundo vivido. Portanto, é para

se do mundo, que é “[...] multiplicidade aberta e indefinida, onde as relações são de implicação recíproca” (p. 85). A ciência reduz o mundo a universo, que é o próprio mundo “[...] cortado de suas origens constitutivas e tornado evidente, porque se as esquece” (p. 51).

o mundo da vida, como instância mais profunda em relação ao universo da ciência, que a reflexão se encaminha.

Antes do universo das teorias, anterior a toda reflexão, a todo “eu penso” e ao universo das *blosse Sachen* (puras coisas), na prática da vida e no plano de nossa experiência natural de homem no mundo, as coisas são para nós, “[...] não natureza em si, mas ‘nosso ambiente’”, elas não se dão à consciência como polo de uma visada ideal, mas “[...] em pessoa, em carne e osso” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 206).³ Nesse plano, visamos a “[...] um meio ontológico que é outro em relação ao do em si [e que] na ordem constitutiva, não pode ser derivado dele [...]” (p. 206), precisamente, porque é mais originário que ele. Em relação a esse mundo, as *blosse Sachen* (puras coisas) “[...] são idealizações, conjuntos construídos sobre o sólido [formando um] universo magro” (MERLEAU-PONTY, 1957, p. 259-260) abaixo do qual é mister escavar, a fim de compreender isto que é prévio à ciência e que faz com que tanto o universo científico não repouse nele mesmo, quanto torna relativo o movimento de constituição das *blosse Sachen*.

O que encontramos, portanto, abaixo do para si como referência a qual as coisas fazem alusão? Abaixo do espírito puro, encontramos o espírito encarnado; abaixo do eu penso, descobrimos o eu posso; do universo científico, encontra-se “[...] o originário de nossa existência” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 207); abaixo da consciência, encontra-se o corpo-próprio. É para esse plano mais profundo que a reflexão de Merleau-Ponty se desloca. Nesse sentido, podemos ver, na *Fenomenologia da percepção*, que o corpo se desvela como o ancoradouro da consciência no mundo, enraizando-a

³ *Leibhaftig, Leibhaftig* são, por excelência, palavras husserlianas, características, sobretudo, de *Idéias I*. (Cf. ainda MERLEAU-PONTY, 1945, p. 369).

definitivamente numa situação que a impede de ser um puro olhar que paira sobre o mundo.

Mais que *sobre* o mundo, que é a perspectiva do sujeito *Kosmotheoros*, o sujeito encarnado se encontra *dentro* do mundo, impedindo a concepção de uma relação da consciência com o mundo nos moldes da “[...] relação frontal do espectador e do espetáculo” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 23). Mais que *diante* do sujeito, o mundo o *envolve* (*Umwelt*), definindo-se, por princípio, como um Ser escondido, de horizontes, dando a ver, a cada vez, para esse sujeito situado, sempre mais do que atualmente ele visa.

Vemos, assim, em Merleau-Ponty (1960, p. 14), a evidente decadência de uma maneira de filosofar que advoga para si “[...] o direito de se instalar no saber absoluto” e a pretensão, implicada nela, de manter “[...] o mundo deitado aos seus pés [...]” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 22), de ser exaustão ou explicação total do mundo.

Se a filosofia indaga sobre o sentido das coisas, procurar a essência do mundo não é subir ao mundo das ideias e buscar o que o mundo seria em seu significado, após tê-lo reduzido em tema de nosso discurso; mas é mergulhar na experiência do mundo e buscar, a partir de nosso contato originário com ele, o que “[...] ele é de fato para nós anterior a toda tematização” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. X). É assim que, confrontando o olhar que se faz do exterior e a ideia da filosofia como um “[...] ponto de vista superior [...]” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 31), de onde se abarquem todas as perspectivas locais, a *Fenomenologia da percepção* surge como esse grande esforço para trazer a razão de volta ao mundo. Mas ainda falta, na grande obra de 1945, um verdadeiro contraponto a essa

maneira de filosofar. E é aqui que entra a arte, em especial, a pintura.

Merleau-Ponty, numa estreita relação com esse fazer artístico, encontra nele o apoio para reconsiderar o passado da filosofia como pensamento de sobrevoos e elaborar, na figura do pintor e seu fazer artístico, o contraponto ao olhar que nega sua situação e quer ver tudo a partir de lugar nenhum. Nesse sentido, ao iniciar o diálogo entre filosofia e pintura por meio de um texto contemporâneo, *Fenomenologia da percepção, A dúvida de Cézanne*, vemos que, pela interrogação da experiência pictural, Merleau-Ponty confirma a instalação do indivíduo no mundo pelo seu corpo como obstáculo definitivo ao olhar *kosmotheoros* ou desencarnado do sujeito que paira sobre o mundo.

Cézanne, pintor predileto de Merleau-Ponty, acreditava poder se ocupar, por meses seguidos, de um mesmo motivo sem sair do lugar e apenas inclinando a cabeça um pouco à esquerda ou à direita, para ter da natureza um espetáculo inteiramente novo.⁴ O pintor sabia que não há lugar de onde se possa ver tudo e, exatamente, essa impossibilidade faz do mundo um espetáculo inesgotável.

Na contrapartida do olhar situado do pintor, que jamais acabará de ver o mundo, temos o olhar de sobrevoos ou desencarnado, que, querendo ver tudo, sendo pretensão de exaustão e possessão das coisas, acaba por não frequentá-las, não sendo, por isso mesmo, nada em particular; posto que é olhar (ou pensamento) sem amarras, não se enraíza em nenhum lugar; além disso, por essa mesma razão, também não é nada quanto ao universal, pois o que apreende como sobrevoos é a pálida

⁴ Cf. carta ao seu filho de 8 de setembro de 1906 (CÉZANNE, 1978, p. 324).

ideia do que a coisa seria em sua essência, é, enfim, o fóssil ou o esqueleto desencarnado da coisa vivida.

A pintura, nascendo da pretensão de ver, de frequentar ou de habitar o mundo, faz brotar nas coisas que frequenta a possibilidade de inúmeros sentidos e de uma infinidade de modos para exprimi-las. Dois artistas juntos pintando o mesmo motivo produzem telas diferentes. Isso porque o mundo se mostra para eles como fonte inesgotável da expressão pictural. A expressão do mundo se revela, assim, como uma tarefa infinita; pois “[...] há sempre mais de uma dimensão, mais de um plano de referência” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 18), logo, nada é plenamente visível; seria preciso um olhar capaz de abranger todos os planos de referência; ou, na impossibilidade disso, colocar-se como o único plano ou a fonte absoluta de sentido. Nesse caso, estaríamos novamente diante da arrogância do olhar sem restrição, que se afirma como visão de tudo. O que esse olhar poderia aprender com a experiência do pintor?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata de negar o olhar desencarnado, mas de despertá-lo do sonho de um conhecimento soberano e de uma objetividade absoluta; de contestá-lo em sua visão de mundo, quando se esquece de sua origem secundária e construtivista, para fechar-se sobre si mesmo e colocar-se como modelo absoluto da realidade ou visão universal de mundo. O que, na perspectiva do olhar encarnado, não podemos admitir na ciência é que ela tenha a exclusividade do verdadeiro. Não se trata de ser contra a ciência, de negá-la ou mesmo de desacreditar o saber científico; cabe-nos, com a interrogação merleau-pontyana sobre a pintura, como primeira atitude, retornar ao mundo da

vida, anterior ao mundo objetivo da ciência, para “compreender o direito”, mas também “os limites” desse mundo (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 69), colocando-o em seu lugar como parcial e derivado.

Ao invés de anular o saber científico, o retorno ao mundo da vida, operado por Merleau-Ponty em seu diálogo com a pintura, leva-nos a considerá-lo não como um saber dogmático que quer encarcerar o mundo em suas representações rígidas e fechadas, mas como se constituindo, a partir do mundo percebido, sempre como um saber aproximado, aberto, elucidando este mundo pré-científico do qual ele jamais concluirá a análise.

ABSTRACT

This article seeks to establish a dialogue between Science and Art in Merleau-Ponty's philosophy, drawing on his essay *Eye and Mind*. Science is initially introduced as a disembodied or bird's-eye view and then it is contrasted with painting as an embodied or situated view. The conclusion reached is that it is not the case the mere disapproval of science perspective, but of rendering science awoken from the dream of a thorough view of reality, thus restoring both, this unfading dream and art alike, to the real world, which is where they belong.

KEYWORDS: Merleau-Ponty. Science. Art.

REFERÊNCIAS

- 1 CÉZANNE, Paul. **Correspondence**. Recueillie, annotée et préfacée par John Rewald. Édition révisée et augmentée. Paris: Grasset et Fasquelle, 1978.
- 2 HUSSERL, Edmund. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale**. Paris: Gallimard, 1976. Chap. I: La crise des sciences comme expression de la crise radicale de l'aveir dans l'humanité européenne, p. 7-24. Chap. II: Éluclidation de l'origine de l'opposition moderne entre l'objectivisme physiciste et le subjectivisme transcendantal, p. 25-116.
- 3 LEFORT, Claude. Préface. In: MERLEAU-PONTY, M. **L'oeil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1964. p. I-VIII.
- 4 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.
- 5 MERLEAU-PONTY, Maurice. Husserl et la notion de nature. Notes prises, au cours du 14 et 25 mars, 1957, par X. Tilliette **Revue de métaphysique et de morale**, n. 3, p. 257-269, 1965.
- 6 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960. Préface, p. 7-47. Le philosophe et son ombre, p. 201-228.
- 7 MERLEAU-PONTY, Maurice. **L'oeil et l'esprit**. Préface de Claude Lefort. Paris: Gallimard, 1964.
- 8 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Éloge de la philosophie et autres essais**. Paris: Gallimard, 1991.
- 9 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. O filósofo e a sociologia, p. 105-123; De

Mauss a Claude Lévi-Strauss, p. 123-136; Einstein e a crise da razão, p. 213-222.

10 MERLEAU-PONTY, Maurice. **La nature**: notes, cours du Collège de France. Établi et annoté par Dominique Ségald. Paris: Seuil, 1995.

11 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sens**. Paris: Gallimard, 1996. Le doute de Cézanne, p. 13-33. Le métaphysique dans l'homme, p. 102-119.

Recebido em: 9-8-2010

Aprovado em: 5-9-2010